

AS TRÊS FACETAS DO ENSAIO DE BARREIROS FILHO

Pedro Albeirice da Rocha

RESUMO

Francisco Barreiros Filho, um escritor do Estado de Santa Catarina, escrevia poemas e crônicas breves. Ele pertenceu à “Geração da Academia”, um grupo conservador de escritores que vivia em Florianópolis. O enfoque deste artigo é o ensaio (artigo breve) de Barreiros Filho sobre política, teologia e linguística. Ele foi, durante muitos anos, Secretário do Partido Social Democrata e amigo próximo do Governador Aderbal Ramos da Silva. Em seus breves artigos, ele costumava expor seu ponto de vista sobre a política em Santa Catarina e ajudou a escrever a história daquele Estado brasileiro. Teologia católica e linguística foram também enfocadas por ele, que era um católico fervoroso e um dedicado professor de português.

Palavras-chave: Barreiros Filho; ensaio; política; teologia; linguística.

ABSTRACT

Francisco Barreiros Filho, a writer from Santa Catarina State, used to write poems and small chronicles. He belonged to the “Geração da Academia”, a conservative group of writers who lived in Florianópolis. This article’s approach is the Barreiros Filho’s “essay” (small article) on Politics, Theology and Linguistics. He was, during many years, the Secretary of the “Partido Social Democrata” and a close friend to Governor Aderbal Ramos da Silva. In his small articles he used to expose his point of view about politics in Santa Catarina and helped to write the history of that Brazilian State. Catholic theology and linguistics were also focused by him, who was a fervent catholic and also a dedicated teacher of Portuguese language.

Key-Words: Barreiros Filho, essay, politics; theology; linguistics.

Introdução - O Ensaísta

A primeira demonstração da veia ensaística de Barreiros Filho surge dentro da temática política, a partir da publicação do artigo “Hercílio Luz”, em 1919, numa revista especial em homenagem ao Governador do Estado (Barreiros Filho, 1919). Três anos depois, em sua última participação publicada sob o título “Os Dias”, o escritor parece despedir-se da crônica de evidentes objetivos estético-literários, saudando

efusivamente o político Fúlvio Aducci e terminando o texto com uma declaração enfática de voto a seu favor (BARREIROS FILHO, 1920).

Em 1930, por ocasião da morte de João Pessoa, o escritor publica um artigo, lamentando o fato e demonstrando mais uma vez seu interesse pela Política.

Com o advento da Revolução de 30 e a adesão às correntes getulistas, o escritor nada publica em prosa em toda a década. Preocupa-se quase integralmente com as lides políticas, tendo sido eleito Deputado Estadual Constituinte (1935). No exercício do cargo, ajuda a eleger Nereu Ramos Governador do Estado, e mantém seu apoio quando este se torna Interventor Federal em Santa Catarina (1937 – 1945).

Jornalisticamente, o escritor mantém-se em silêncio até 1944. Publica, então, o artigo “Aderbal”, no qual enaltece seu ex-colega de Constituinte, Aderbal Ramos da Silva, correligionário do Partido Social Democrático. É a confirmação da fase do ensaio político.

A atividade docente e a preocupação política não permitem ainda ao escritor o retorno definitivo ao Jornalismo. Para o adiamento desse retorno, contribuiu decisivamente a sua nomeação para a Secretaria de Governo, durante o mandato de Aderbal Ramos da Silva (1947 – 1950).

É, aliás, durante esse mandato que surge no cenário cultural o Círculo de Arte Moderna (Grupo Sul), com o objetivo de implantar em Santa Catarina o Modernismo, já presente no centro do País desde os anos vinte. Talvez pela ocupação político-administrativa, Barreiros Filho não se envolve com o fato, deixando a polêmica entre os “novos” e os “velhos” para o cunhado Altino Flores. Esta contenda intelectual iria estender-se de julho de 1949 a maio de 1950 nas páginas de *O Estado*, sendo que Altino Flores publicaria seus textos a ela relativos no livro *Goethe, os novos e os velhos* (1949, *apud* SABINO, 1981, p. 117).

A fase do ensaio político do escritor alcança seu auge em 1953. Já aposentado do Magistério Público e fora do Palácio, ele encontra disposição para publicar freqüentes ensaios, criticando o Governo Irineu Bornhausen, da União Democrática Nacional.

Em 1954, os artigos rareiam e, a partir de 1955, o escritor passa a ser um articulista bissexto. Isso talvez se explique pelo fato de Irineu Bornhausen ter conseguido eleger o seu sucessor, Jorge Lacerda (1955), mesmo após tanto empenho da oposição e por parte do ensaísta. Ou porque, aos 63 anos de idade, o jornalista e professor quisesse recolher-se mais ao convívio dos seus e às suas leituras.

O PSD volta ao Governo em 1960, com Celso Ramos. Mas Barreiros Filho, quase septuagenário, publica somente raros ensaios em 1961, 1963 e 1964, permanecendo em silêncio durante todo o Governo pessedista de Ivo Silveira (1965-1970). Só reapareceu em 1971, com a reedição da crônica “Impressões de Imaruí”.

Mas o autor não se fixa novamente no cenário literário. No ano seguinte, despede-se dos leitores, com uma crônica publicada no jornal *O Estado*, edição de 13 de maio:

Vocês hão de perdoar que eu me detenha por aqui. Tudo e todos se limitam.
Por que não eu? (BARREIROS FILHO, 1972, p. 1, grifo nosso).

Ensaio religioso

Outra faceta dos ensaios de Barreiros Filho é o artigo de caráter religioso. O primeiro deles é “A Paixão de Jesus” (*A Semana*, 20 de maio de 1915).

O autor volta ao tema em *O Olho*, em 1916, com os artigos “Deus” e “Caridade e Fé” (6 de abril e 13 de maio, respectivamente).

O artigo “Pios” (*Oásis*, agosto de 1917) é a última publicação dentro do tema, naquela década.

O escritor volta a esta temática somente em 1953, com os ensaios “Católicos”, “Explicações” e “Satisfações” (*O Estado*, 14 de junho, 17 de novembro e 8 de dezembro, respectivamente). Nestes dois últimos, critica a remessa de folhetos anônimos para convencê-lo a aderir ao Protestantismo.

Finalmente, o ensaísta político e o de fundo teológico se fundem no texto “A Cruz”, publicado em *O Estado*, a 13 de julho de 1958. O artigo comenta a união entre pessedistas e udenistas após a morte dos líderes Nereu Ramos (PSD), Jorge Lacerda e Leoberto Leal (UDN), em acidente de aviação.

Ensaio Linguístico

Barreiros Filho foi, também, um professor de Português dos mais respeitado da história catarinense. Ainda no final da década de 10 do século passado, publica o artigo “A cadeira de Português na Escola Normal” (*O Estado*, 15 de maio de 1919).

No ano de 1920, escreve uma série de artigos no mesmo jornal, sob o título “Pela Pureza da nossa língua”, publicados nos dias 18, 29 de março, e 3 de abril. Neles, responde ao leitor Gil Vieira, sobre questões gramaticais.

Empolgado com a defesa da língua, o escritor edita, em parceria com Henrique Fontes, a seção “Estante do Vernáculo”, na revista *Terra*. Sob sua responsabilidade direta, discorre sobre dois assuntos: “Colocação quanto ao tempo composto” (nº 5, de 29 de julho de 1920) e “Partição de palavras em fim de linha” (nº 7, de 15 de agosto de 1920).

O escritor volta ao assunto em 1953, no jornal *O Estado*. São os seguintes os artigos sobre gramática: “O uso varia” (14 de julho); e, no mês de outubro: “Verbos e Medeiros”, “Bem picadinho” e “Mais uma lavagenzinha”, publicados nos dias 8, 15 e 25, respectivamente.

O Polemista

Há, na pouca fortuna crítica sobre Barreiros Filho, a consciência de que ele foi um polemista. Porém, pelo interesse que o tema suscita e a título de ilustração, apresentam-se duas polêmicas: uma estético-literária e outra político-ideológica.

A primeira, em 1924, tem como adversário o crítico Altino Flores, que reúne seu pensamento no livro “No mundo das coisas pequeninas”. A réplica de Barreiros Filho tem como título “Ainda o caso das simpatias líricas”, publicada no periódico “Panal”. Apesar de todos os esforços, o único texto encontrado é a Réplica IV.

O desaparecimento dos textos é lamentado não somente pelo autor deste breve artigo. O escritor Péricles Prade já o fizera, na Homenagem aos centenários de Altino Flores, Barreiros Filho e Othon d’Eça, realizada pela Academia Catarinense de Letras em 16 de abril de 1992, quando havia comentado: “a polêmica com ele estaria centrada no livro *No mundo das coisas pequeninas*. Lamentavelmente não o conheço, em que pese o esforço para **localizá-lo**”. (REVISTA DA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS, 1992, p.62, grifo do autor).

Ainda neste Discurso, Prade cita a Réplica IV, que também não se consegue localizar.

Na mesma ocasião, Leatrice Moelmann Pagani homenageia Barreiros Filho, citando somente a “Réplica”, único excerto da polêmica ao alcance do pesquisador. Apesar de prejudicada a análise, é possível notar nos breves excertos

abaixo (idem, s.i.p., grifos nossos), dois detalhes importantes do Barreiros Filho-polemista, que são o respeito pelo seu oponente e o espírito combativo:

Porque, **ao mais graduado**, ao único digno de resposta, contra-replico eu.

Estou a terminar...

Quem facilita apanha.

A outra polémica, de cunho político-ideológico, ocorre entre o escritor e o deputado governista Enedino Ribeiro.

Após ter lido inúmeros artigos contra o governo de Irineu Bornhausen, Enedino Ribeiro resolve comentar o assunto da tribuna da Assembléia (RIBEIRO, 1953), chamando o escritor de “gagá” e “senil” e acusando-o de ter dirigido indevidamente o carro oficial no exercício da Secretaria do Governo anterior.

Barreiros Filho responde em *O Estado*, edição de 28 julho de 1953, no artigo “Sem título”:

Mas se eu sou chofer, se tenho carta de ginete dos cavalinhos de quatro rodas, por que motivo legal ficaria impedido de dirigir os freios do meu Chevrolet que, agora, nem se sabe que fim levou?

Note-se o termo “ginete”, do vocabulário serrano-gauchesco, utilizado para provocar o deputado, de São Joaquim.

Ainda no mesmo artigo, Barreiros Filho defende-se dos rótulos de “gagá” e “senil”:

Senil, sim, deve ser alguém cuja velhez eu respeito, e a cujos pés me prosto, pedindo ao deputado Enedino transmita estes cumprimentos, tão cheios de boa educação, para as pessoas mais velhas de seu conhecimento, lá na alterosa cidade de São Joaquim.

Considerações Finais

As incursões do escritor nos campos político-ideológico, linguístico e teológico são o reflexo, respectivamente, da prática do político, do professor, e do homem ligado à religião. Pessoa de múltiplas atividades, Barreiros Filho não poderia deixar de fazer refletir, no ensaio, as múltiplas faces de seu trabalho.

A partir da certeza de que o texto ensaístico do escritor constitui importante fonte para futuros pesquisadores, fica a sugestão de seu estudo para a ampliação do conhecimento a respeito da literatura produzida em Santa Catarina. Deve-se, ainda, destacar que essas crônicas chamam atenção não apenas do crítico literário, mas também dos pesquisadores das áreas de história e de ciências políticas.

REFERÊNCIAS

BARREIROS FILHO, F. Crônica sem título. **O Estado**, 28 julho de 1953.

_____. Crônica sem título. **O Estado**, 13 de maio de 1972.

_____. “Os Dias”- 57. In **Terra**, nº19, 7 de novembro de 1920.

_____. In **Terra Catharinense**. Florianópolis, edição única, 1919.

PRADE, P. “Palestra do Acadêmico Péricles Prade no dia 16/04/92”. In **Revista da Academia Catarinense de Letras**, nº 11, Florianópolis, 1922, p.62.

REVISTA DA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS . Nº11. 1992.

RIBEIRO, E. “Discurso do Deputado Enedino Ribeiro”. In **Diário da Manhã**, 26 de julho de 1953.

SACHET, C. **As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina**. Florianópolis: Edeme, 1974.

SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul – o modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis, FCC Edições. 1981, p. 117.

(*) Universidade Federal do Tocantins – Miracema, (63)3366-8602, (63) 8466-4861,
albeirice@uft.edu.br